A FESTA DE SÃO BENEDITO E A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA IDENTIDADE QUILOMBOLA DA COMUNIDADE BACABAL (ANAJATUBA MA)

Wellington Barbosa dos Santos[1]

RESUMO: Comunidades quilombolas no sentido histórico clássico se resumem a ajuntamentos de negros escravizados fugidos. Essa visão congelada por quase um século foi ressemantizada a partir das lutas dos movimentos sociais e acadêmicos, principalmente da antropologia, culminando em dispositivos legais na Constituição de 1988, e na lei 4887/03, passando a operar em favor das comunidades negras, principalmente as camponesas, na luta pela posse da terra e da reprodução de seus valores, cultura e costumes. O presente artigo trata do processo de construção e apropriação coletiva da identidade quilombola na comunidade Bacabal (Anajatuba MA) tendo como principal referência interna a festa de São Benedito cujo o auge é o tambor de crioula, que acontece no natal.

Palavras – chave: identidade; quilombola; tambor de crioula; ressemantização; auto – identificação.

ABSTRACT: Quilombola communities in the classic historical sense boil down to gatherings of escaped enslaved blacks. This vision, frozen for almost a century, was resmantled from the struggles of social and academic movements, mainly from anthropology, culminating in legal provisions in the 1988 Constitution, and in Law 4887/03, starting to operate in favor of black communities, mainly peasants, in the struggle for the possession of the land and the reproduction of its values, culture and customs. This article deals with the process of construction and collective appropriation of the quilombola identity in the Bacabal community (Anajatuba MA) with the main internal reference to the São Benedito party, the peak of which is the Creole drum, which takes place at Christmas.

Keywords: identity; quilombola; creole drum; resemantization; self - identification.

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia PPGCSPA, da Universidade Estadual do Maranhão UEMA. Professor de Educação Básica da Rede Estadual do Maranhão e da Rede Municipal de São José de Ribamar. E-mail: imano2007@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A cultura também pode ser um forte fator de resistência ao imperialismo, além da hierarquia racial, o colonialismo justificou a dominação aos outros povos a partir do século XVI, pela suposta superioridade cultural, que se baseava no racionalismo em detrimento da superstição e do atraso que era atribuído ao “não branco, europeu”.

Partindo do pressuposto que a dominação imperialista ainda persiste, e de que o Estado em nosso país, segue a lógica colonialista, é possível compreender o quanto perdura a prática de apagamento e silenciamento das narrativas que destoam da oficial.

Nesse contexto, as manifestações culturais dos povos subalternizados ganham um caráter de resistência importante, por que trazem no seu bojo uma outra narrativa, que se expressam muitas vezes de forma lúdica, a exemplo das diversas formas de festas, muitas das quais mesclam o sagrado e o profano e podem chamar a atenção para aspectos socias e econômicos das pessoas que a realizam, desde que tenham visibilidade para isso.

É o caso da festa de São Benedito, evento importante da comunidade quilombola Bacabal[2] (Anajatuba MA[3]), cuja programação extensa, começa em setembro e culmina com o tambor de crioula[4], que inicia na madrugada do dia 24 de dezembro com a alvorada e só encerra na manhã do dia 25, quando o juiz [5]que comanda a festa passa para o seu substituto do ano seguinte.

Embora ainda não certificada pela Fundação Cultural Palmares FCP como quilombola, Bacabal se considera autodefinida, inclusive há mais de um ano enviou

---

[2]. A Bacabal que nos referimos no texto está entre as 21 comunidades quilombolas do município de Anajatuba MA, não confundir com a cidade de Bacabal que localiza-se na Região do Mearim e dista 240km da capital São Luís do Maranhão.

[3] O município de Anajatuba localiza-se na microrregião da Baixada Maranhense, a 131,7 km da capital São Luís via BR-135, com uma população de aproximadamente 26.880 habitantes. A cidade foi fundada em 1854, mas já era povoada pelo menos dois séculos antes, quando era parte das vilas de Alcântara, Viana e finalmente do Mearim.

[4] O Tambor de Crioula, reconhecido como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 2007, é uma expressão da cultura afro-brasileira, mais especificamente do Maranhão, muito conhecida na capital São Luís, por sua performance de movimentos circulares, realizada por mulheres de saia rodada, cujo desfecho é a punga ou umbigada, feita ao som de tambores executados por homens, mas que apresenta características diferentes nas variadas regiões do Estado, a exemplo da punga dos homens em Anajatuba

[5] Um dos nomes atribuídos a quem coordena uma festa de santo em cidades do interior do Maranhão. No caso da festa de tambor de crioula de Bacabal, são nove juízes, cada ano um deles assume a liderança principal da festa, contando com a parceria dos demais na divisão de tarefas e nos gastos.

os documentos exigidos pela FCP (o histórico e a ata de autodefinição) para que seja oficialmente certificada, mas ainda não obteve resposta.

A Constituição Federal de 1988 no seu artigo 68 do ADCT, reconhece o direito das comunidades quilombolas principalmente da posse a terra “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Embora no texto não esteja claro o que é uma comunidade quilombola, há um avanço, uma vez que as outras constituições brasileiras ignoravam o assunto.

Anos de debates realizados pelos movimentos negro e quilombola, e por setores acadêmicos, principalmente a antropologia, levaram o Estado Brasileiro a sistematizar melhor os direitos das comunidades quilombolas no decreto 4887/03, que no artigo segundo assim as define

> Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (BRASIL, 2003)

Um dos principais critérios estabelecidos pelo decreto 4887/03 para que uma comunidade seja certificada como quilombola é a “presunção de ancestralidade negra” que podem ser comprovadas de diversas formas: no registro da oralidade dos mais velhos, em práticas culinárias, linguísticas ou outras de ascendência africana, e nas festas, que em muitas ocasiões reúnem muitas dessas práticas.

A festa de São Benedito a que me refiro contempla muitos desses critérios e consta como o principal fator de identidade quilombola de Bacabal como o presente trabalho se propõe a explicitar adiante.

A compreensão de identidade adotada para esse trabalho foi a de Hall (2005), que relaciona o referido conceito ao de sujeito, ambos como fruto de uma construção histórica em permanente mudança, a dos tempos atuais que ele chamou de “pós-moderno” é caracterizada pela fragmentação e constante deslocamento.

> Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em “processo” sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. (HALL, 2005, p 38 – 39)

Para este trabalho, destaco também as orientações de Barth (2000), para ele, é na fronteira e não no isolamento que os grupos se definem, podendo ser cerceados ou silenciados no caldo de embates sociais, ou se fortalecer nos conflitos. Ainda sobre os grupos étnicos, Barth afirma: “Nesse sentido organizacional, quando os atores, tendo como finalidade a interação, usam identidades étnicas para se categorizar e caracterizar os outros, passam a formar grupos étnicos” (BARTH, 2000, p. 32).

Na citação acima, Barth (2000) dá ênfase à auto atribuição como fator importante para a formação de grupos étnicos, quando afirma que, se “categorizar” e “categorizar outros” é o que forma os grupos étnicos, essa visão inegavelmente influenciou o texto da lei 4887/03 ao definir o que são comunidades quilombolas.

A identidade quilombola, assim como as demais também é uma construção social, movida por interesses e cuja organização é feita mais por critérios políticos que culturais.

Partindo dessa perspectiva o presente trabalho tem como objetivo destacar a festa de São Benedito, como principal elemento de identidade quilombola, acionado pela comunidade Bacabal, nas mais variadas situações, principalmente no histórico enviado para a FCP, bem como o de relacionar a produção econômica da comunidade com a programação da festa. Outro fator importante abordado no texto é o de descrever resumidamente a trajetória da comunidade em relação com a festa, enfatizando as mudanças e permanências.

O procedimento metodológico adotado foi o trabalho de campo composto de duas partes: a observação direta e as entrevistas com os principais atores sociais que organizam a festa de São Benedito de Bacabal, principalmente os mais idosos.

2. BACABAL UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Para situar Bacabal na trajetória histórica que levou a comunidade ao autorreconhecimento como quilombola é necessário levantar algumas informações sobre a cidade de Anajatuba.

Emancipada de Itapecuru em 1854, a então Vila de Nossa Senhora de Anajatuba, tinha como sua principal atividade econômica a criação de gado de corte, importante para abastecer o comércio de carne principalmente da capital São Luís, mas havia também engenhos de açúcar e usinas de arroz. A região atraiu uma elite de brancos no século XIX, por causa da proximidade com a próspera região da ribeira

do Itapecuru, terras férteis e a possibilidade de escoar a produção pelo hoje extinto Porto das Gabarras.

> Porto das Gabarras, há mais de meio século atrás, era uma povoação economicamente mais importante do que a sede do município. Para ali convergiam as estradas de gado, através das quais eram conduzidos os rebanhos bovinos vindos do Sul do Maranhão e de Estados vizinhos até os seus portos, para serem embarcados nas "gabarras" – barcos construídos com dois andares – destinados ao abastecimento da Capital. Ali foi parada de um batalhão de Guarda Nacional e o seu comércio era constituído por vários estabelecimentos que, além de secos e molhados, também vendiam tecidos, ferragens, enlatados, artesanato, produtos agrícolas e outras mercadorias. Era o local disputado por portugueses e brasileiros por ocasião da Guerra de Independência mas os seus portos foram sendo aterrados e os moradores tiveram que abandonar as suas casas e os seus pertences porque não houve mais condições de morarem ali. (RÊGO, 2020, p. 225 – 226)

Bacabal até os dias atuais, localiza-se em meio à MA 339, que liga Anajatuba a BR 135 que dá acesso à capital São Luís, portanto estava e ainda está no meio do caminho por onde passavam as mercadorias que vindas dos municípios vizinhos, tinham como destino a capital, via o porto das Gabarras. Os fazendeiros fizeram uso do trabalho escravizado e de homens livres pobres, principalmente no uso das terras para a criação de gado de corte desde pelo menos o início do século XIX, e após a abolição, o então "Sitio de Bacabal" era um local atraente para os jovens desempregados das mais variadas regiões de Anajatuba, que chegavam para trabalhar com o gado, ou nas usinas de arroz e outros variados serviços, e diante da abundância de terras nas proximidades, ocupavam terrenos e construíam suas casas modestas formando a comunidade Bacabal.

O processo migratório que formou Bacabal tem duas comunidades vizinhas como principal destaque: São Pedro e Imbaúba.

São Pedro é uma comunidade rural, certificada como quilombola, a mais próxima de Bacabal, e por isso a que mais guarda relações de parentesco até os dias atuais, tendo a roça como principal meio de vida, à medida que as famílias se reproduziam, aumentava a população e gerava escassez de terras, o que levou muitos jovens se aventurarem na comunidade vizinha, para trabalhar como vaqueiros ou nos mais variados serviços, constituindo família e permanecendo em Bacabal.

Imbaúba, consta de pelo menos duas motivações para migrar não só para Bacabal, mas para outras regiões de Anajatuba, e até de fora do Maranhão: A primeira no início do século XX, devido à um surto de hanseníase, depois em meados da década de 1950 na busca por escolas, postos de saúde e outros benefícios sociais,

ocasionou uma nova leva migratória, a ponto de levar Imbaúba à extinção, ninguém mora na localidade atualmente

Sitio de Bacabal, foi se transformando em Bacabal, à medida que os fazendeiros foram convertendo seu capital financeiro de terras, em outros tipos de capital, a exemplo da formação universitária que levou as gerações mais jovens a fixar residência em São Luís depois de formados, alguns ainda mantiveram suas glebas, mas sem o mesmo vigor nos negócios. Enquanto isso as levas migratórias foram se fixando, estabelecendo laços matrimoniais de parentesco e compadrio, usando a terra coletivamente, plantando suas roças, e ampliando a coesão social com suas atividades simbólicas e religiosas.

Atualmente a comunidade quilombola Bacabal vive do trabalho agrícola, da pesca e de programas de complementação de renda a exemplo do “Bolsa família”, tendo ainda funcionários públicos municipais e estaduais, sobre esse assunto, relata o histórico para a Fundação Cultural Palmares- FCP, pleiteando a certificação.

Vale ressaltar nesse processo a terra coletiva onde os trabalhadores rurais tem a sua roça, além disso eles compartilham uma casa de farinha, onde também produzem a carimã, uma massa de mandioca, mais fina que a farinha que é a principal matéria prima do pé – de – moleque, vide no item desse texto “No natal também é dia de bater tambor”.

3. A IDENTIFICAÇÃO COLETIVA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM ANAJATUBA.

O processo de reconhecimento, certificação e até titulação das comunidades quilombolas de Anajatuba, começou de forma desarticulada em Anajatuba, cada comunidade que compreendia a importância de se auto- identificar, seguia seu caminho próprio, com o apoio de acadêmicos ou de entidades do movimento negro organizado, ou até de outras instituições, como aconteceu por exemplo com Queluz, uma das comunidades quilombolas onde passa a estrada de ferro da Vale S.A , que teve o apoio da empresa e atualmente é titulada.

A partir do início do mandato de Helder Lopes Aragão, (2013 a 2015) na prefeitura de Anajatuba, houve uma nova articulação da Coordenação Municipal de Igualdade Racial (COMPIR) coordenada por Valdir Paiva, pesquisador e professor de História do ensino básico, ele reuniu as comunidades quilombolas do município, desencadeando um processo coletivo de mobilização, para que todas fossem

regularizadas, o primeiro passo foi deixar os documentos das associações de moradores em ordem e quites com a Receita Federal, depois fazer o levantamento histórico e a ata de auto – atribuição, e por fim, enviar para a Fundação Cultural Palmares FCP na expectativa de que os documentos fossem aprovados.

Em 2015 Helder Lopes Aragão foi afastado pelo Ministério Público, tendo que se defender de denúncias de corrupção, assumiu o vice Sidney Costa Pereira, que agregou à demanda da COMPIR, as pautas da mulher e da juventude, dessa feita a nova secretaria passou a ser conhecida como Coordenação Municipal de Igualdade Racial, Mulher e Juventude (COMPIRMUJUV), coordenada pela professora e ativista do movimento negro de Anajatuba, Eliane Frazão.

Além de coordenar a COMPIRMUJUV, Eliane Frazão fundou uma associação municipal, que reúne as comunidades quilombolas do município, a união das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Anajatuba UNIQUITUBA, essas duas instituições, assumiram a continuidade de regularizar e certificar as comunidades quilombolas do município. Ao todo, são vinte e uma as que se reconhecem como quilombola na cidade, dezenove tituladas ou certificadas e duas aguardando retorno da documentação enviada para a FCP, com a finalidade de conseguir a certificação, uma delas é Bacabal.

Identidades são também opções políticas, e a ressignificação do termo é recente e exige que as comunidades interessadas sejam acionadas, para que a utilizem como instrumento de luta, no caso de Bacabal, essa identidade em construção tem na UNIQUITUBA um importante papel de levar o debate de forma coletiva, junto com as demais comunidades quilombolas do município.

4. TAMBOR DE CRIOULA, FESTA DO MARANHÃO

Anajatuba é uma cidade festeira, de julho a dezembro, período de pouca ocorrência de chuvas, é muito comum encontrar faixas e carros ou bicicletas de som, circulando pela cidade e anunciando alguma festa, bem no sentido da definição abaixo:

> Tanto faz ser uma festa de promesseiro ou de festeiro, apresentar-se de maneira modesta ou completa, incluir o ‘baile’ ou um ‘folguedo’, inserir ou não uma reza. Desde porém que a reunião gravite em torno de santo, ela recebe o nome de festa (PRADO, 2007, p. 115).

Uma dessas festas é o Tambor de Crioula, reconhecido como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 2007, é uma expressão da cultura afro-brasileira, mais especificamente do Maranhão, muito conhecida na capital São Luís, por sua performance de movimentos circulares, realizada por mulheres de saia rodada, cujo desfecho é a punga ou umbigada, feita ao som de tambores executados por homens.

No entanto, o Tambor de Crioula não é executado da mesma maneira em todos os municípios do Maranhão. A riqueza e a pluralidade com que ocorre em nosso Estado é grande e pouco conhecida, sobretudo pela escassez de registros em áudio, vídeo e até de trabalhos acadêmicos direcionados à essa temática.

O tambor de Crioula de Anajatuba por exemplo, guarda muitas diferenças em relação ao da capital São Luís, pois se caracteriza pela punga dos homens cujo os gestos se assemelham há uma rasteira, inspirando mais a virilidade, do que a sensualidade da punga (umbigada) feminina, e o toque do tambor é mais lento, chamado pelos nativos de cachoeira, enquanto o de São Luís é o corrido, outra distinção marcante é que em Anajatuba, quase não existem grupos de tambor de crioula oficialmente registrados.

Há diferenças mas também semelhanças, ao que se observa em São Luís, por ser cantado e dançado sobretudo por pessoas integradas direta ou indiretamente a comunidades periféricas, muitas delas em situação de vulnerabilidade social. Essa expressão cultural é motivada por divertimento ou como forma de pagamento de promessa a São Benedito.

Singular em sua execução, o Tambor de Crioula está no contexto das festas populares de Anajatuba, e conta como um forte fator de identidade relacional dos negros do referido município, uma vez que até a década de 1970, os brancos não frequentavam as festas dos negros e vice-versa, numa forte segregação que embora esteja enfraquecida ainda persiste nos dias atuais (ARAÚJO, 2017).

Tambor de Crioula é festa, divertimento, mas é também, ritual, pagamento de promessa e fé, quem se compromete em botar um Tambor, se apressa em realizar, pois acredita que assim como santo é generoso em dar, é também severo em cobrar com toda a má sorte e infortúnios quem não salda o compromisso.

5. NO NATAL TAMBÉM É DIA DE BATER TAMBOR

De todos os elementos de coesão social possíveis, a festa de São Benedito é a mais marcante da comunidade Bacabal, organizada por nove juízes, cada ano um fica responsável pelo comando geral da festa tendo auxilio de todos os demais, cada juiz ou juíza ao falar da trajetória de sua família revela uma parte histórica do grupo migratório que descende e além disso como a comunidade foi se formando na luta cotidiana pela sobrevivência em torno de suas crenças e valores compartilhados.

A narrativa mais comum sobre o começo da festa, conta que uma senhora oriunda da Imbaúba iniciou uma batucada no dia de natal.

> Essa Cabocla ela veio da Imbaúba , o nome dela era Cabocla, no dia 24 de dezembro, na porta de seu Dico, eles começaram bater, mas era umas latas para comemorar o natal deles, mataram um porco e ficou disseminando. E a entrada dos branco foi seu Marco Dutra que era um mandante daqui do Bacabal que não gostou, disse que era muita zoada, mas diz que ele teve um sonho e pediu pra fazer o tambor. (Álida, 2021, Informação verbal)

Como bem explicita a professora do ensino básico e moradora de Bacabal, Álida, até os brancos passam a participar da festa num determinado momento, tendo a festa favorecido à coesão dos mais variados grupos que formaram a comunidade, majoritariamente composta de negros.

Ninguém da comunidade sabe informar como e quando a organização da festa passou a ter no comando nove juízes, decerto é que há representantes dos grupos migratórios diversos que formaram a comunidade

A festa de São Benedito de Bacabal tem uma programação extensa, que começa em setembro e só termina em dezembro no natal, em nenhum momento da programação tem a conhecida festa dançante, ou som eletrônico a principal atração da festa é o tambor de crioula.

Além do tambor de crioula parte significativa da programação da festa gira em torno de armazenar o material que será usado para fazer coletivamente bolinhos de macaxeira, que na comunidade é conhecido como pé – de – moleque, pois efetivamente tem um formato que lembra um pé de bebê.

O pé de moleque é feito coletivamente no penúltimo dia de festa e atirado na praça da capela da comunidade, logo após o levantamento do mastro, adultos e crianças se concentram no fim da tarde para pegar o bolinho.

Outrora o pé de moleque era feito com leite de coco babaçu, sal e a carimã[6] mas a partir da década de 1990, as mulheres acrescentaram ingredientes de um bolo de bolo de milho chamado de manuê, ficando com sabor similar.

O pé de moleque na programação da festa reflete a produção agrícola da comunidade, desde o ato de tirar a lenha para aquecer o forno, até a coleta e quebra de coco babaçu, a ação de arrancar a mandioca e todo o processo de elaboração na casa de farinha para fazer a carimã e além disso todas as atividades terminam com um almoço, o arroz, feijão e farinha são produzidos na comunidade, e o porco ou galinha, e as vezes o pato, saem da criação de pessoas da comunidade.

6. BREVE DESCRIÇÃO DA FESTA DE SÃO BENEDITO DE BACABAL.

A programação da festa de São Benedito de Bacabal começa em setembro no primeiro sábado do mês, na casa do juiz, a atividade principal dessa data é construir um barracão coberto de palha, com um pequeno compartimento (paiol) usado para armazenar coco babaçu. O barracão é onde acontece quase toda a programação, inclusive o tambor de crioula que acontece no natal.

Antes dos trabalhadores voluntários chegarem para construir o barracão, por volta das 4h30, um grupo de mulheres prepara a comida, com tijolos dispostos no chão, num formato quadricular, com lenha no interior, para cozinhar o alimento em grandes panelas de metal.

Duas mesas emendadas são colocadas à disposição de todos, uma com garrafas térmicas de café e achocolatado, e uma bacia com vários pedaços de bolo, tem ainda copos descartáveis, garrafas de cachaça industrializada, no ano passado (2020) um frasco de álcool em gel, e a imagem pequena de São Benedito, com uma ou duas, ou mais velas acesas.

O ambiente é sempre de muita descontração, quando os homens chegam para montar o barracão, cada um vai se voluntariando para o trabalho e não há um momento especifico para intervalo, cada um para e toma um café ou mesmo uma dose de cachaça quando acha melhor e o mesmo comportamento tem as mulheres que estão cozinhando, nesse primeiro dia há uma clara divisão sexual do trabalho.

Por volta das 10h o barracão fica pronto, e o pessoal aguarda até as 11h para almoçar, o cardápio é quase sempre o mesmo, arroz, feijão, macarrão e carne de

[6] Massa de mandioca, feita de um farelo parecido com a farinha só que mais fino e feito de forma semelhante, tendo como diferencial a manobra do calor no forno.

porco cozida, as vezes tem como opção galinha ou pato também cozidos. Depois da refeição encerra a programação do dia.

No sábado seguinte acontece o que eles chamam de “juntada do coco babaçu”, a concentração é as 4h da manhã na praça da capela onde fica uma mesa extensa com café, similar à da semana anterior e a imagem do santo, que está em todas as atividades.

Antes do pôr do sol duas carretas vem buscar os voluntários da comunidade Bacabal e levam para a vizinha São Pedro, ao chegar lá, os donos de uma casa grande recebem o juiz da festa e refazem a mesa, enquanto as mulheres se reúnem na cozinha para dividir em marmitas descartáveis uma farofa de carne de porco, distribuída em panelas grandes.

Do lado esquerdo da casa tem uma cerca com uma porteira aberta que dá acesso ao quintal, que se confunde com a mata, após percorrer um breve caminho de terra, uma fila de voluntários carregando cofos, baldes ou sacos de estopa, encontram uma quantidade grande de coco babaçu, organizado em montes.

Os voluntários voltam em fila carregando o coco babaçu para os caminhões, até esgotar os montes que estão no terreno, depois formam uma nova fila para receber as marmitas com “o frito”, para depois voltar para Bacabal, o coco babaçu é despejado na frente da casa do juiz e carregado pelos voluntários para o paiol.

Depois disso, só em dezembro tem uma nova atividade de grande porte, mais precisamente no dia 08, que é dedicado a fazer a carimã. Novamente começa as 4h da madrugada, a mesa do café disposta como nos outros dias, a primeira tarefa é tirar a mandioca de grandes caixas d’água, descascar e colocar em cofos, que vão passar por duas prensas para tirar o liquido com toxinas, quando a mandioca vira uma massa enxuta, os homens colocam o conteúdo numa máquina de moer, e depois num coxo para ser pilado e peneirado. O passo seguinte é colocar a o farelo em grandes fornos, que são mexidos em alto grau, com o fogo mais alto vira farinha e mais baixo depois de 30 minutos a carimã, matéria prima do pé – de – moleque.

Em meio ao trabalho por volta das 10h da manhã começa o tambor, sem parar a produção da carimã, ao meio dia a comida que vem da casa do juiz é distribuída encerra a atividade.

Depois de fazer a carimã, a semana seguinte é a da quebra de coco, a partir das 4h, os voluntários e voluntárias começam a aparecer, quem vai chegando passa pelo barracão e vai direto para mesa de café, faz uma mesura, pega a imagem do

santo, coloca acima da cabeça, faz uma prece, se alimenta e sai, para contribuir com quem já está trabalhando.

O passo inicial é tirar o coco babaçu do paiol e distribuir em pequenos montes e em fila indiana, cada trabalhador ou trabalhadora que chega, já vem com o seu material, um machado e uma mancêta (feita de madeira, é composta de um cabo de pouco mais de um metro com um volume em uma das pontas, feito para bater o coco no machado afiado, abrindo no meio)

Ao longo da manhã é constante a chegada de pessoas para quebrar coco, com habilidade cada um(a) vai esvaziando seu monte, tirando a amêndoa do coco, colocando em um recipiente qualquer, como um balde pequeno por exemplo, e enquanto isso passa um dos jovens da casa recolhendo tudo e botando em sacos de estopa grande.

As 10h dá para perceber o grupo dividido em dois: pessoas que estão cozinhando e os que estão quebrando coco, é também o horário em que chegam as caixeiras do divino, contratadas da Santa Rosa , do município de Santa Rita. Lembrando que na programação anterior tinha tambor e na quebra de coco o toque de caixa, ao meio dia como de costume é o almoço quando encerra as atividades daquele dia.

Entre os dias 23 e 25 é principal fase da festa, a programação é extensa e da manhã do dia 24 até a manhã do dia 25 de dezembro o tambor de crioula segue ininterrupto, até que um novo juiz receba a festa.

Dia 23, segue o horário de 4h para a chegada, e como de praxe quando o povo chega já tem panela no fogo e a mesa de café já está posta, esse é o dia de fazer o pé de moleque pela manhã e buscar e levantar o mastro a tarde.

A programação tem a mesma rotina dos outros dias, exceto pelo fato de ter as duas atrações da festa se revezando, tambor de crioula e toque de caixa, um intervalo para o almoço e continuam o serviço até as 15h quando vão buscar o mastro.

Todas as atividades externas são acompanhadas pelas caixeiras e pela imagem de São Benedito, com o mastro é assim também, a comunidade vai a pé para a extinta Imbaúba, extrair o caule que servirá de mastro e na volta, ao adentrar novamente à comunidade, ganha ares de procissão, passando pelas casas em que tem gente que fez voto, os homens entram com o mastro na casa entregam o santo para o anfitrião, que o recebe, faz uma oração e entrega a joia (cachaça, ou jogam balas, ou pagam em dinheiro).

No fim da tarde encerra a procissão, acontece na praça da igreja o levantamento do mastro e ao final o pé – de -moleque que foi preparado ao longo do dia é jogado para a multidão presente no local.

A partir das 20h tem a novena, que encerra depois de acontecer outras 12 noites, só reiniciando a programação novamente as 4h do dia 24, com a alvorada feita pelas caixeiras, ao lado do mastro, depois disso o santo volta para a casa do juiz e depois do café começa o tambor de crioula que só encerra 25 pela manhã, não parando nem mesmo na hora do almoço.

Dia 25 pela manhã a família do juiz vai a frente numa procissão acompanhada da imagem de São Benedito e das caixeiras, para entregar o santo e a festa para o novo juiz, que a frente de uma nova procissão se dirige para a capela onde a imagem fica até se reiniciar a festa, o mastro é derrubado no início da festa de São Sebastião em janeiro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A auto - atribuição de uma comunidade como quilombola, não acontece de imediato, mas é fruto de um longo processo que está em curso no Brasil, outrora, até a constituição de 1988 havia um entendimento “frigorificado”, de ajuntamento de negros escravizados fugidos, que foi ressignificado para agregar mais comunidades constituindo -se em instrumento de luta, principalmente pela posse da terra, ganhando um perfil positivo.

No caso de Anajatuba, esse processo que já é coletivo, passou a ser ainda mais, desde a ação da UNIQUITUBA, que passou a reunir as 21 comunidades do município, num verdadeiro mutirão para regularizar e certificar cada uma, juntando forças para lutar por políticas públicas e sociais.

Bacabal entra nesse processo junto com as demais por causa da intervenção da UNIQUITUBA, ainda está em meio a esse processo de construção da sua identidade quilombola, de forma coletiva e tem na festa de São Benedito, principalmente no tambor de crioula do natal o seu mais forte elemento de identificação tanto interna quanto externa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Alfredo Wagner Berno de: **Quilombos: sematologia face a novas identidades**. In: ALMEIDA Alfredo Wagner Berno de (org). Quilombolas e novas etnias – Manaus : UEA Edições, 2001.

ARAÚJO, Daisy Damasceno. **Aê meu pai quilombo, eu também sou quilombola**. O processo de construção identitária em Rio Grande – Maranhão. / Daisy Damasceno Araújo – São Leopoldo: Oikos; São Luís: EDUFMA,2019.

ARAÚJO, R. I S. **O Reino do Encruzo**: história e memória das práticas de pajelança no Maranhão (1946-1988). Belo Horizonte: Finotraço, 2017.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.

GOMES, Flávio dos Santos: **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. – 1ª ed. – São Paulo: Claro Enigma.2015. – (Coleção Agenda brasileira)

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2005.

PRADO, Regina. **Todo Ano Tem:** as festas na estrutura social camponesa. São Luís: EDUFMA, 2007.

RÊGO, Mauro Bastos Pereira. **As crônicas de Anajatuba/** Mauro Rêgo. São Luís MA: Viegas Editora, 2020.